

A construção da fantasia infantil em uma análise e o desejo não anônimo¹

Sandra Belchiolina de Castro

Resumo

A concepção de infância, historicamente forjada por determinantes sociais e econômicos, adquire, com a psicanálise, um novo estatuto. A partir das elaborações de Freud e Lacan, a fantasia infantil passa a ser concebida como um operador fundamental na constituição do sujeito. Este ensaio revisita a clássica fantasia de surra, analisada por Freud, enfatizando seu papel na formação do desejo e seus desdobramentos nas três fases por ele descritas. Lacan, por sua vez, articula essas fantasias ao complexo de Édipo e à ordem simbólica, evidenciando como o sujeito se institui na interseção entre linguagem, desejo e gozo. Propõe-se, ao final, que o percurso analítico, ao possibilitar a travessia da fantasia infantil, abra espaço — uma volta a mais — para a emergência de um desejo singular e não anônimo: o desejo do analista.

Palavras-chave:

Fantasia infantil; Construção em análise; Desejo.

The construction of children's fantasy in an analysis and the non-anonymous desire

Abstract

The conception of childhood, historically shaped by social and economic determinants, acquires a new status with psychoanalysis. Based on the work of Freud and Lacan, childhood fantasy comes to be understood as a fundamental operator in the constitution of the subject. This essay revisits the classic beating fantasy analyzed by Freud, emphasizing its role in the formation of desire and its developments across the three phases he described. Lacan, in turn, connects these

1 Artigo apresentado no XXIV Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil), intitulado “A criança generalizada na clínica e na cidade dos discursos”, ocorrido em Brasília em 2024.

fantasies to the Oedipus complex and the symbolic order, highlighting how the subject is constituted at the intersection of language, desire, and jouissance. It is proposed, in conclusion, that the analytic process, by enabling the traversal of childhood fantasy, opens space—one more turn—for the emergence of a singular, non-anonymous desire: the desire of the analyst.

Keywords:

Infantile fantasy; Construction in analysis; Desire.

La construcción de la fantasía infantil en un análisis y el deseo no anónimo

Resumen

La concepción de la infancia, históricamente forjada por determinantes sociales y económicos, adquiere un nuevo estatus con el psicoanálisis. A partir de las elaboraciones de Freud y Lacan, la fantasía infantil pasa a ser concebida como un operador fundamental en la constitución del sujeto. Este ensayo revisita la clásica fantasía de azotes, analizada por Freud, enfatizando su papel en la formación del deseo y sus desarrollos a lo largo de las tres fases que él describió. Lacan, por su parte, articula estas fantasías con el complejo de Edipo y el orden simbólico, evidenciando cómo el sujeto se instituye en la intersección entre lenguaje, deseo y goce. Se propone, finalmente, que el recorrido analítico, al posibilitar la travesía de la fantasía infantil, abra un espacio — un giro más — para la emergencia de un deseo singular y no anónimo: el deseo del analista.

Palabras-clave:

Fantasia infantil; Construcción en análisis; Deseo.

La construction du fantasme infantile dans une analyse et le désir non anonyme

Résumé

La conception de l'enfance, historiquement façonnée par des déterminants sociaux et économiques, acquiert un nouveau statut avec la psychanalyse. À partir des élaborations de Freud et de Lacan, la fantaisie infantile est désormais conçue comme un opérateur fondamental dans la constitution du sujet. Cet essai revisite la célèbre fantaisie de la correction physique, analysée par Freud, en mettant en lumière son rôle dans la formation du désir et ses développements au cours des

trois phases qu'il a décrites. Lacan, quant à lui, articule ces fantaisies au complexe d'Édipe et à l'ordre symbolique, montrant comment le sujet se constitue à l'intersection du langage, du désir et du plaisir. Il est proposé, en conclusion, que le parcours analytique, en permettant le passage à travers la fantaisie infantile, ouvre un espace — un tour de plus — pour l'émergence d'un désir singulier et non anonyme : le désir de l'analyste.

Mots-clés :

Fantaisie enfantine ; Construction en analyse ; Désir.

Ao longo da história, a concepção de criança sofreu mudanças significativas. Durante a Antiguidade e boa parte da Idade Média, a criança não era reconhecida como sujeito autônomo ou portador de uma especificidade psíquica. Ariès (1960/1981), em sua obra clássica sobre a história da infância, argumenta que, na sociedade medieval, a infância era praticamente ignorada como uma fase distinta da vida: as crianças eram tratadas como adultos em miniatura, rapidamente inseridas no mundo do trabalho e da vida social, sem reconhecimento de suas particularidades emocionais ou cognitivas. Havia, portanto, uma espécie de não representação da criança como sujeito: ela não era simbolicamente reconhecida como portadora de uma existência própria, o que dificultava o surgimento de discursos específicos sobre a infância.

Essa situação começou a se transformar com a Modernidade, especialmente com a ascensão da burguesia e a consolidação de novas formas de organização familiar e social. O surgimento do modelo de família nuclear, aliado à valorização da educação e do cuidado, reposiciona a criança como um sujeito em formação, merecedor de atenção, proteção e investimento. No entanto, ainda que passasse a existir uma maior representação social da infância, essa representação seguia pautada por ideais normativos de desenvolvimento e ajustamento, muitas vezes desconsiderando a complexidade subjetiva da criança.

É somente no século XX, com a emergência da psicanálise, que a infância começa a ser pensada para além da cronologia, ganhando densidade estrutural. Freud inaugura um novo campo de saber, ao escutar o sofrimento psíquico da criança e reconhecer que nela também operam mecanismos inconscientes. Lacan, por sua vez, radicaliza essa leitura, ao propor uma distinção entre a infância como período e o infantil como estrutura.

Prates aponta a importância desse novo saber da psicanálise e esclarece:

[...] a partir do ensino de Lacan pode-se compreender a virada teórica realizada por Freud do trauma à fantasia, como a substituição da infância no

nível da cronologia — pelo infantil — enquanto lugar. A passagem do infantil à estrutura implica [...] uma operação que deixa um resto inacessível ao saber inconsciente. É, entretanto, a partir da lógica da fantasia que o sujeito pode construir uma ficção sobre a causa de seu desejo. (Prates, 2022, p. 211)

Contudo, essa passagem conceitual precisa ser contextualizada. O trauma, fundamental para Freud, não se reduz ao evento, mas à sua inscrição significante. A fantasia, por sua vez, opera como tentativa de dar sentido a esse ponto enigmático.

Partindo dessa perspectiva, cabe a pergunta: como se dá a construção da fantasia infantil em numa análise — da constituição subjetiva ao desejo não anônimo do analista? A investigação desse processo lança luz sobre o modo como o infantil comparece na clínica, revelando marcas fundamentais da constituição psíquica e dos modos de gozo que atravessam a infância.

Freud (1919/2010), no ensaio “Batem numa criança”, introduz o conceito de “representação fantasística”, referindo-se aos relatos de pacientes sobre fantasias de surras, geralmente manifestadas por volta dos 5 ou 6 anos de idade. Essas fantasias infantis, segundo Freud, revelam desejos inconscientes e conflitos ligados à sexualidade e à autoridade parental. Lacan, por sua vez, articula essas formações imaginárias ao complexo de Édipo, destacando, no caso do Homem dos Lobos, a necessidade de retornar repetidamente à investigação rigorosa das dimensões simbólica e real da origem do sujeito: “Voltar, vezes sem conta, a investigar rigorosamente o papel do que podemos chamar origem simbólica e o papel da origem real, cadeia primitiva da história do sujeito” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 245). A fala sobre a fantasia, nesse contexto, adquire relevância, por situar-se no registro simbólico — isto é, como enunciação endereçada ao analista, atravessada pelo inconsciente estruturado como linguagem.

Freud descreve o desenvolvimento da fantasia de surra em três momentos distintos. No primeiro, aquele que apanha é um irmão ou irmã do analisante. Lacan, fazendo sua releitura, observa que ele não a considera sexual ou sádica, mas é composta da “matéria” (*stuff*) da qual derivam os elementos sexuais e sádicos. Ele esclarece que a fantasia arcaica nasce de uma relação triangular “que não se estabelece entre o sujeito, a mãe e o filho, mas entre o sujeito, o irmãozinho ou irmãzinha e o pai. Estamos antes do Édipo, e mesmo assim o pai presente” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 246).

O segundo tempo da fantasia passa por mudança. Conforme Freud (1919/2010), a figura do pai continua a bater, mas quem apanha é o próprio sujeito da fantasia.

Ela diz, então: “Sou castigada por meu pai”. Ela tem caráter indubitavelmente masoquista. Essa fase é a mais importante e mais prenhe de con-

seqüências. Em certo sentido, no entanto, pode-se dizer que ela não tem existência real. Em nenhum caso ela será lembrada, não chegou a tornar-se consciente. É uma construção da análise, mas nem por isso menos necessária. (Freud, 1919/2010, pp. 302-303)

Freud admite que essa elaboração inconsciente pode indicar o retorno do desejo edipiano, especialmente no caso da menina, cuja fantasia expressaria o desejo de ser objeto do amor do pai — desejo que acarreta culpa, exigindo que ela seja punida: “espancada”.

Dado que a mensagem de que se trata é recalcada, não podendo ser encontrada na memória do sujeito, um mecanismo correlato, que Freud chama aqui de regressão, faz com que o sujeito recorra à figuração da etapa anterior, para exprimir, numa fantasia que nunca vem à luz, a relação francamente libidinal, já estruturada à maneira edipiana, que o sujeito então mantém com o pai. (Lacan, 1957-1958/1999, p. 247)

O terceiro tempo mostra uma transformação da fantasia, na qual várias crianças apanham; o sujeito multiplicado, de uma figura que substitui o pai, como um professor ou outra autoridade. Freud associa essa cena a um momento intermediário entre as fases anteriores, observando que nela há forte excitação sexual. Lacan esclarece que nesse tempo “alguma coisa é mantida, fixada, memorizada, diríamos, permanece, para o sujeito, investida da propriedade de constituir a imagem privilegiada na qual o que ele puder experimentar de satisfações genitais irá encontrar seu apoio” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 245).

Ernst Kris e colaboradores, como citado por Coutinho Jorge (2020), retomam os estudos freudianos em 1957, enfatizando o papel dos conteúdos visuais e auditivos nas experiências tanto reais quanto fantasiosas de uma cena primária. O grupo relata sobre a cena primária: “o problema em termos acústico-linguísticos, dando ênfase às íntimas associações entre o pai e o som – voz estrepitosa, flatos paternos e outros barulhos poderosos, assim como na mitologia Zeus, o ‘deus do trovão’, e as divindades tonitruantes do touro e do leão” (Coutinho Jorge, 2020, p. 10).

Anna Freud, em seu ensaio “Fantasias de surra e devaneios”, apresentado na Sociedade Psicanalítica de Viena em 1922 — fruto de sua própria análise com Freud —, relata que, por volta dos 7 ou 8 anos, a fantasia de surra transforma-se em “histórias agradáveis”. Nessas narrativas, conforme ela descreve:

A devaneadora experimenta toda a excitação da angústia e da firmeza do jovem ameaçado. No momento em que a ira e a fúria do torturador se transfor-

mam em piedade e benevolência — ou seja, no clímax de cada cena —, a excitação se desfaz num sentimento de felicidade. (Coutinho Jorge, 2020, p. 87)

O mesmo autor, referindo-se a Freud, informa que esse destaca que essas “histórias agradáveis” não constituem uma evolução da fantasia, mas, sim, um retorno a um estágio anterior: “sendo manifestamente removidas da cena de espancamento, as histórias agradáveis recuperam o sentido latente da fantasia de surra: a situação amorosa que se oculta nela” (Coutinho Jorge, 2020, p. 92).

Coutinho Jorge (2010), ao comentar a leitura lacaniana da fantasia de Anna Freud, propõe uma articulação entre linguagem e sexualidade a partir do matema da fantasia (S barrado $\diamond a$). Segundo ele: “No lado do sujeito (S barrado) temos o inconsciente-linguagem e a transferência, ou seja, o amor e, em termos da macroteoria lacaniana, o simbólico. No lado do objeto, pode-se depreender a pulsão e a repetição, isto é, o gozo e o real” (Coutinho Jorge, 2020, p. 24).

As fantasias descritas revelam a oscilação entre o amor e o gozo, sendo o amor — como efeito da transferência — aquilo que pode fazer o gozo condescender ao desejo. Lacan (1957-1958/1999) sintetiza isso ao afirmar que “só o amor permite ao gozo condescender ao desejo”. Trata-se aqui de um ponto crucial: a relação entre os tempos da fantasia e sua travessia, o sadismo, o masoquismo e a emergência do desejo do sujeito sob transferência.

Lacan ressalta, em um dos últimos artigos de Freud, “Construção em análise”, a importância da relação entre o sujeito e o significante no processo de rememoração em análise: “mostra a importância central da ideia da relação do sujeito com o significante para conceber o mecanismo da rememoração na análise... fica claramente admitido que esse mecanismo está ligado, como tal, à cadeia significante” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 244).

Quinet (2012), ao comentar Lacan, reforça que os significantes do sujeito estão no campo do Outro, entendido como tesouro dos significantes. E Lacan, em “Duas notas sobre a criança”, observa:

A função de resíduo que sustenta (e ao mesmo tempo mantém) a família conjugal na evolução das sociedades, coloca como valor irredutível de uma transmissão — que é outra ordem que aquela da vida segundo as satisfações das necessidades, mas que é de uma constituição subjetiva, implicando a relação com um desejo que não seja anônimo. É segundo tal necessidade que se julgam as funções da mãe e do pai. Da mãe: enquanto seus cuidados portam a marca de um interesse particularizado, fosse ele pela via de suas próprias faltas. Do pai: enquanto seu nome é o vetor de uma encarnação da Lei no desejo. (Lacan, 1983/2003b, p. 369)

Nesse contexto, o desejo não anônimo se impõe como categoria decisiva. O desejo da mãe, que exerce função estruturante na constituição do sujeito, é atravessado pela função paterna, responsável por introduzir a lei e operar a separação necessária à entrada do sujeito na linguagem e na cultura. É nesse entrelaçamento entre desejo e lei que se articula a posição do sujeito diante do Outro.

A escuta analítica, ao acolher os relatos fantasísticos sob transferência, não apenas reconhece a importância da fantasia na estruturação do sujeito, mas também sustenta a possibilidade de sua travessia. Esse percurso, fundamental à clínica psicanalítica, abre espaço para o surgimento de um desejo outro — o desejo do analista —, que, assim como o do par parental, também é não anônimo. Trata-se de um desejo implicado, sustentado pela ética da psicanálise, e que se manifesta na posição do analista diante do inconsciente do analisante.

Assim, Lacan adverte, em “Nota italiana” (1983/2003a, p. 314): “que ele não se autorize a ser analista, porque nunca terá tempo de contribuir para o saber, sem o que não há chance de que a análise continue a dar dividendos de mercado”. Tal afirmação ressalta a responsabilidade que recai sobre o analista não apenas no exercício clínico, mas também na transmissão da psicanálise como saber e prática.

A fantasia, portanto, longe de ser um devaneio imaginário, constitui um campo decisivo na constituição subjetiva, em que o desejo do Outro, a falta e a lei se inscrevem no corpo, na linguagem e na história do sujeito. Ao possibilitar a travessia da fantasia infantil, o percurso analítico permite a emergência de um desejo inédito — singular, implicado e ético —, que ultrapassa o individual para se estender à comunidade analítica e à própria cultura. Nesse sentido, o desejo não anônimo do analista se afirma como condição de possibilidade tanto para a clínica quanto para a transmissão da psicanálise, marcando o fim do percurso analítico não como um encerramento, mas como uma abertura: a possibilidade de um novo laço com o desejo e com o saber.

Referências bibliográficas

- Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família* (D. Ramos, Trad.). Rio de Janeiro: LTC. (Trabalho original publicado em 1960)
- Coutinho Jorge, M. A. (2010). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: a clínica da fantasia* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Zahar.
- Coutinho Jorge, M. A. (Org.) (2020). *Bate-se numa criança: contribuição ao conhecimento da origem das perversões sexuais*, Freud, S. (Trabalho original publicado em 1919); *Fantasia de surra e devaneios*, Freud, A. (K. Michalleges & V. Ribeiro, Trans., A. C. Jorge & F. C. Branco, Revs.). Rio de Janeiro: Zahar.

- Freud, S. (2010). “Batem numa criança”: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 14, pp. 293-327). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919)
- Lacan, J. (1999). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-1958)
- Lacan, J. (2003a). Nota Italiana. In J. Lacan. *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1983)
- Lacan, J. (2003b). Nota sobre a criança. In J. Lacan. *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1983)
- Prates, A. L. (2022). *Da fantasia de infância ao infantil na fantasia: a direção do tratamento na psicanálise com crianças* (2a ed.). São Paulo: Larvatus Prodeo.
- Quinet, A. (2012). *Os outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.

Recebido: 26/04/2025

Aprovado: 11/06/2025